



A FOGUEIRA DAS BRUXAS NUNCA SE APAGOU: A METAMORFOSE DO ÓDIO NO BRASIL



Por Katiúscia dos Santos Lourenço
*Mãe, assistente social, portuária e
diretora do Suport-ES*

Neste 8 de março, minha vontade era iniciar o dia celebrando a potência das mulheres que movem o mundo — das cientistas às líderes comunitárias, das operárias às gestoras. Eu queria falar de flores e conquistas. No entanto, o que sinto é o peso de um desconforto profundo.

Enquanto você lê estas linhas, dezenas de mulheres brasileiras estão sendo alvo de violência física, psicológica ou patrimonial. Essa agressividade não é um surto isolado; é algo aprendido, testado e, no mundo atual, perversamente monetizado.

O Brasil segue ostentando índices vergonhosos de feminicídio. Precisamos dar o nome correto: esses crimes não são "passionais". São crimes políticos, frutos de uma cultura que ainda enxerga o corpo e a vida da mulher como territórios de posse e controle.

Das chamas medievais aos tribunais digitais

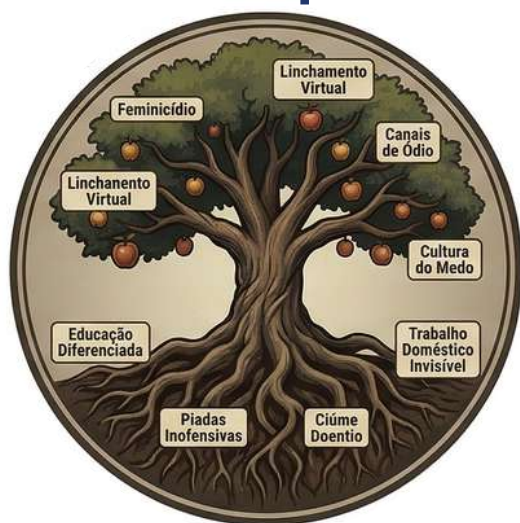
Na Idade Média, o fogo era o destino das mulheres "indóceis" ou "sabidas demais". Hoje, a praça pública foi substituída pelas redes sociais, mas a lógica da punição permanece intacta.

Recentemente, assistimos ao horror de um filicídio cometido por um Secretário de Governo que tirou a vida dos próprios filhos para castigar a mãe. O que vimos a seguir foi um segundo crime: a mulher sendo massacrada no tribunal do ódio digital. Tentaram justificar o injustificável usando a "traição" como pretexto, ignorando o narcisismo e a perversidade do agressor. A ela, restou o luto absoluto e a solidão de olhares impiedosos.

O ódio contra a mulher tornou-se um negócio lucrativo. Em 2024, mapeou-se um ecossistema de 137 canais de misoginia no Brasil, acumulando bilhões de visualizações. Se há audiência, há lucro. O sistema digital hoje premia a hostilidade e pune a sensibilidade, ensinando que ser homem é sinônimo de dominar. Quem não se submete, é "queimada" por linchamentos virtuais e assédio coordenado.

A fogueira apenas trocou a lenha pelos algoritmos.

A raiz do problema: onde o ódio é plantado



A misoginia não nasce no Wi-Fi. Ela é uma árvore antiga, cujas raízes se alimentam de comportamentos que muitos ainda consideram "normais":

- Na educação que diferencia as liberdades de meninos e meninas;
- Na piada "inofensiva" que reforça a submissão;
- No ciúme doentio fantasiado de prova de amor;
- Na invisibilidade do trabalho doméstico exaustivo;
- No erro crasso de ensinar meninas a se protegerem, em vez de ensinar meninos a não violentarem.

Precisamos encarar a pergunta incômoda: Que tipo de masculinidade estamos ajudando a construir?

Feminicídios no Brasil

Ano	Ocorrências	Evolução
2025	1.568	+5,09
2024	1.492	+1,15
2023	1.475	+1,37
2022	1.455	+8,02
2021	1.347	-0,52
2020	1.354	+1,80
2019	1.330	+8,22
2018	1.229	+14,33
2017	1.075	—

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Medidas para arrancar a árvore da misoginia

Não basta podar os galhos; precisamos remover a raiz. Isso exige ação coletiva e coragem política:

Educação emocional como política pública: formar meninos emocionalmente saudáveis é investimento, não gasto. É preciso ensinar limites, respeito à diversidade humana.

Responsabilização das plataformas: o Estado deve regular conteúdos que lucram com a desumanização das mulheres. Liberdade de expressão não é salvo-conduto para o discurso de ódio.

Fortalecimento da rede de proteção: leis como a Maria da Penha precisam de orçamento real para que delegacias e abrigos funcionem plenamente em todo o território.

Autonomia econômica: a independência financeira é o que permite a muitas mulheres romper o ciclo de violência. Precisamos de igualdade salarial e qualificação profissional urgente.

Mobilização em todos os setores: seja nos portos, nos sindicatos ou nos escritórios, a ascensão feminina deve ser garantida. Igualdade não é um favor, é um direito.

O compromisso além do protocolo

O 8 de março não deve ser reduzido a flores e frases feitas. É dia de denúncia. Enquanto uma mulher viver sob ameaça, nenhuma de nós estará verdadeiramente segura.

Há, contudo, uma esperança firme: se a violência é algo que se aprende, o respeito também pode ser ensinado. As fogueiras ainda ardem, mas dessa vez elas não nos consumirão. Já não aceitamos mais viver sob a sombra dessa figueira maldita. Estamos organizadas, somos muitas e somos diversas.

Ubuntu! Eu sou porque nós somos.

